



GÊNEROS INFORMATIVOS NA FORMAÇÃO DISCURSIVA DOS ALUNOS EM SALA DE AULA

Bruno Felipe Marques Pinheiro¹

Lucas Santos Silva²

GT 7 – Educação, Linguagens e Artes

RESUMO

Nas perspectivas dos teóricos Mikhail Bakhtin (1997) e Michel Foucault (2001), o presente artigo pretende analisar seis gêneros textuais, a saber: artigo de opinião, cartaz, crônica, entrevista, narração e notícia, todos considerados gêneros de informação. O objetivo do artigo é de perceber se esses gêneros, da forma como estão inseridos dentro do Livro Didático, ajudam ou não na formação discursiva dos alunos em sala de aula, favorecendo uma relação dialógica entre professor/alunos. O livro escolhido para a análise é “Universos Língua Portuguesa”, destinado às turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Diante das análises e discussões feitas, podemos perceber o quanto o LD pode influenciar na aprendizagem ou não dos alunos, ou seja, a partir da forma como o professor escolhe trabalhar esse material didático, pode-se haver um influencia direta no resultado de aquisição do conhecimento.

Palavras-chave: Livro Didático; gêneros de informação; formação discursiva; sala de aula

ABSTRACT

In the perspectives of the theorists Mikhail Bakhtin (1997) and Michel Foucault (2001), the present article will examine six textual genres, the know: article of opinion, poster, chronicle, interview, narration and news, all considered genres of information. The objective of the article is to understand if these genres, the way they are inserted in the Didactic Book, help or not in the discursive formation of students in the classroom, favoring a dialogical relationship between teacher/students. The book chosen for the analysis is "Universos Língua Portuguesa", earmarck for the 6th grade classes of Elementary School. On this of the analysis and discussions, we can realize how much the DB can influence the learning or not of the students, that is, from the way with teacher chooses to work on this didactic material, there can be a direct influence on the result acquisition of the knowledge.

Palavras-chave: Didactic Book; Genres of Information; Discursive Formation; Classroom

INTRODUÇÃO

Inúmeras discussões e vários estudos já foram desenvolvidos para entender as propostas que o livro didático traz como finalidade de auxiliar e facilitar o processo de ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar. A instituição escolar exerce seu papel em uma relação social de poder no momento de interação entre professor e aluno em sala de aula.

¹ Graduando de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista de Monitoria (DEAPE). Participante do Grupo de Estudos em Interação, Linguagem e Sociedade (GELINS) bpinnheiro@hotmail.com.

² Graduando de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC). Participante do Grupo de Estudos em Interação, Linguagem e Sociedade (GELINS). lucas_riachão@hotmail.com



Dessa maneira, a escola se torna um aparelho ideológico, pois na relação entre seus interlocutores se proliferam inúmeros fatores, dentre eles: sociais, ideológicos, políticos, religiosos e outros.

Existem inúmeros problemas a serem discutidos na escola: hierarquia, autoridade, questões avaliativas, prática pedagógica, sistema de conhecimento fechado. Todos esses problemas são facilmente detectados, uma vez que a escola é vista como “lugar de conflitos de ordem diversa e indispensável para refletirmos sobre o ensino como um todo e a problemática do material didático” (SOUZA, 1996, p. 27). Contudo, a intenção deste artigo é focar em uma análise de gêneros textuais, e avaliá-los a partir dos aspectos que suas funções desempenham na relação entre professor e alunos na aquisição do conhecimento.

Nas perspectivas dos teóricos Mikhail Bakhtin (1997) e Michel Foucault (2001), o presente artigo pretende analisar seis gêneros textuais, a saber: artigo de opinião, cartaz, crônica, entrevista, narração e notícia, todos considerados gêneros de informação. A proposta inicial é de perceber se esses gêneros, da forma como estão inseridos dentro do LD, ajudam ou não na formação discursiva dos alunos em sala de aula, favorecendo uma relação dialógica entre professor/alunos.

No primeiro momento, abordaremos a respeito do papel do Livro Didático no ambiente escolar, que será seguido por uma abordagem dos resultados de nossa pesquisa com suas respectivas discussões acerca da análise dos gêneros informativos, chegando, por fim, em nossas últimas considerações acerca do trabalho realizado.

Qual o papel do Livro Didático na Escola?

O livro didático, muitas vezes, é entendido como “lugar do saber definido, pronto, acabado, correto, e dessa forma, última fonte” (SOUZA, 1996, p. 27). Entretanto, essa definição é um pouco equivocada, pois se deve lembrar de que o LD é uma ferramenta que facilita o professor a construir suas aulas, não sendo esse instrumento um manual fechado e ortodoxo que deve ser seguido *ipse litteris*.

O livro didático precisa ser desvendado pelo professor e não ser considerado uma verdade absoluta. Por isso, é preciso entender que “o livro didático parece ter uma função primordial: dar certa forma ao conhecimento, ‘forma’ no sentido de seleção e hierarquização do chamado ‘saber’” (SOUZA, 1996, p. 28). Logo, a função do professor de língua portuguesa é de selecionar as informações que há no LD para auxiliá-los no processo



educacional de seus alunos, diante das dificuldades que são encontradas na sala de aula, respeitando as diferenças entre os discentes, e intervindo, sempre que necessário, para haver maior proveito na sua aprendizagem.

Já afirmava Foucault (2001) que o Livro Didático é um discurso de verdade, pois dentro da relação de poder existente entre professor/aluno gera-se o conhecimento. Essa afirmação está atrelada à Análise do Discurso, considerando que “nenhum dizer é capaz de completar os sentidos de um discurso, nem de apontar para sua origem, já que os sentidos se constituem sempre na relação entre o linguístico e o histórico” (GRIGOLETTO, 2011, p. 28). Porém, não se entende isso, pois, muitas vezes, os participantes do contexto escolar são vistos como usuários do LD, e não como analistas. Nesse sentido, afirmando ser o LD um discurso de verdade, queremos dizer que ele se constitui, no espaço discursivo da escola, como um texto fechado, no qual os sentidos já estão estabelecidos (pelo autor), para ser apenas reconhecido e consumido pelos seus usuários (professor/aluno) (GRIGOLETTO, 2011, p. 68). Isso interfere na aprendizagem, porque o aluno é visto como um produto da linguagem, e não como um sujeito consciente e participante do processo ensino-aprendizagem.

Tais considerações fazem com que seja abordada a questão da aprendizagem, essa determinada pelo modo de ver e viver que os alunos trazem para o ambiente escolar, suas experiências de vida, de mundo, de família, e tais questões “é porque o sujeito é ideologicamente constituído” (CORACINI, 2011a, p. 22).

Essa afirmação sobre a aprendizagem está atrelada ao Livro Didático, porque a partir do momento em que os professores e alunos criam uma consciência sobre tal suporte, eles passam a lê-lo criticamente, acreditando-se na possibilidade do aluno transformar sua própria realidade. “A criticidade consistiria num componente que pode ser ensinado e que, portanto, pode e deve ser aprendido. Nesse sentido, ela pode ser controlada” (CORACINI, 2011a, p. 20). E é isso que determina a visão dos professores em relação aos seus alunos e ao ambiente escolar: extrapolar seus conhecimentos sobre o mundo e transformar seu momento histórico-social-cultural para que eles, os alunos, com uma visão crítica, estejam inseridos na sociedade.

METODOLOGIA

O livro escolhido para a análise é “Universos Língua Portuguesa”, destinado às turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, autoria de Camila Sequetto, Fernanda Pinheiro



Barros e Luciana Mariz. A edição que está como *corpus* corresponde ao Manual do Professor, com 336 páginas, já a destinada aos alunos contém 240 páginas. Ambas as edições têm sessões divididas em quatro unidades temáticas, são elas: *A cultura nossa de cada dia; Por um meio ambiente por inteiro; Olhos e ouvidos na telona; É campeão*. Essas unidades estão subdivididas em capítulos que sempre são apresentados com a mesma estrutura: *antes da leitura, durante a leitura, texto, depois da leitura (a reconstrução do sentido do texto / a gramática na reconstrução dos sentidos do texto), avalie o que você aprendeu e oficina de textos*.

Logo no início do livro, na sessão denominada “Conheça seu livro”, as autoras alertam que em cada capítulo das unidades o aluno irá estudar um gênero textual. Nos últimos anos, o uso dos gêneros textuais se tornou eixo norteador no que diz respeito ensino-aprendizagem, tanto em relação à leitura quanto à produção textual. Sendo assim, observa-se, nesse livro didático, os seguintes gêneros textuais:

- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| 1. Lenda e Mito | 7. Texto enciclopédico |
| 2. Repente | 8. Documentário |
| 3. Poema de Cordel | 9. Resenha |
| 4. Notícia | 10. Narração Futebolística |
| 5. Artigo de opinião | 11. Entrevista |
| 6. Cartaz de propaganda | 12. Crônica |

Diante disso, fizemos uma leitura minuciosa de todos os gêneros textuais abordados e optamos pelos gêneros informativos. São eles: notícia, artigo de opinião, cartaz de propaganda, narração, entrevista e crônica. Após a escolha dos gêneros a serem analisados, destacamos apenas um texto de cada, fazendo um estudo a fim de demonstrar o papel deles diante da relação ensino-aprendizagem do aluno.

RESULTADOS E ANÁLISES

Como já foi dito, percebemos que no LD há uma predominância dos gêneros textuais informativos. Esses, por sua vez, têm por objetivo abordar temas que são recorrentes na sociedade, transmitindo conhecimentos e conceitos, além de ser fácil acessibilidade, com uma linguagem clara e objetiva, e que se aproxima da realidade do leitor. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN's),

a noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à



qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1998, p. 22)

Dessa maneira, o ensino de um gênero que faz parte do cotidiano do aluno propiciará a esse discente a participação na construção do sentido do texto efetivando, concomitantemente, a aquisição da aprendizagem e, por sua vez, a compreensão responsiva ativa.

Esses gêneros estão mais próximos do leitor pelo fato dos estudantes terem fácil acesso em seu cotidiano, preocupando-se, em um primeiro momento, na relação professor/aluno e em sua relação dialógica, fazendo parte, também, de suas situações sociocomunicativas. Assim, selecionamos seis gêneros textuais, os mais recorrentes no livro: artigo de opinião, cartaz, crônica, entrevista, narração e notícia, que serão apresentados a seguir:

O fragmento do primeiro gênero escolhido para análise (figura 1) foi escrito por Thairiny Cristiano Ribeiro, de 17 anos. É um “artigo de opinião” vencedor de umas das categorias do concurso de redação Olimpíada de Língua Portuguesa:

Figura 1: Gênero artigo de opinião

Saída

Parágrafo 1
1. Qual era a principal atividade econômica da cidade de Limeira?

1. O cultivo da laranja.

Parágrafo 1
2. Atualmente, qual é a principal atividade econômica da cidade?

2. A produção de joias folheadas.

Parágrafo 1
3. Elabore uma hipótese para a presença da palavra *brilho* no título do texto.

3. O uso da palavra *brilho* se explica pela referência às joias folheadas.

↳ Não escreva no livro.

O problema que ofusca o brilho

1 Localizada no interior do Estado de São Paulo, Limeira já foi muito conhecida por ser a capital da laranja e por abrigar a primeira fazenda que recebeu imigrantes como trabalhadores no final do século XIX. Com o passar dos anos, os setores que sustentam a economia de Limeira mudaram, e hoje a cidade tornou-se a capital da joia folheada.

2 Grande parte da população da cidade trabalha e sustenta suas famílias com a fabricação de bijuterias, que inclui solda, montagem e banho (tratamento químico que dá brilho às peças), com a comodidade de serem montadas em fabriquetas de fundo de quintal e banhadas em grandes ou pequenas empresas, clandestinas ou legalizadas.

3 No entanto, uma questão muito discutida aqui é o impacto ambiental causado principalmente por empresas não regularizadas, geralmente situadas em bairros da periferia da cidade. Por não terem condições básicas de funcionamento e pela ganância dos proprietários que só visam ao lucro e não tratam seus resíduos

4. Elas são montadas em fabriquetas de fundo de quintal e banhadas em grandes ou pequenas empresas, clandestinas ou legalizadas.

Parágrafo 2
4. Onde são fabricadas as bijuterias em Limeira?

5. Essas fábricas lançam metais pesados nos esgotos, que deságuam nos rios.

Parágrafo 3
5. Qual é o impacto ambiental provocado pelas fábricas de joias clandestinas?

(SEQUETTO, BARROS; MARIZ, 2012)

O segundo gênero escolhido (figura 2) para a pesquisa foi um cartaz de propaganda de uma campanha realizada em 2011 pelo Governo Federal. Já o terceiro gênero selecionado (figura 3) é a crônica “O técnico” escrita por Luís Fernando Veríssimo, e está no livro *A eterna privação do zagueiro absoluto: as melhores crônicas de futebol, cinema e literatura*. Veríssimo é conhecido por suas crônicas de humor.



Figura 2: Gênero propaganda



(SEQUETTO, BARROS; MARIZ, 2012)

Figura 3: Gênero crônica



O técnico
Todo brasileiro é um técnico de futebol frustrado. Deus é brasileiro. Logo, Deus é um técnico de futebol frustrado! Certo Deus tudo pode, é provável que Ele seja o verdadeiro e eterno técnico da seleção, e os mortais que assumem a função apenas nas suas fachadas. Todos os técnicos da seleção brasileira seriam, na realidade, prepostos de Deus, o que explica o seu ar de arrogante e sua recusa em aceitar nossos palpites. Só a certeza de terem uma delegação divina explica que os técnicos da seleção ignorem, sistematicamente, os conselhos dos que entendem de futebol mais do que eles – nós – e se julgarem os donos da verdade. Nenhum ainda confessou que recebe orientações diretamente de Deus, mas isso está implícito na sua soberbia.
Que Deus é o técnico vitalício do Brasil pode ser provado, e não apenas pela quantidade de Copas que vencemos e pela nossa superioridade incontestada no futebol. As próprias derrotas do Brasil são da responsabilidade de Deus, para não dar na vista e manter a fé em sua neutralidade. E Deus, nas alturas, está na posição que todos os técnicos consideram a ideal para ver o jogo. Mas como é onipresente pode estar lá em cima e falando com o seu auxiliar do lado do campo ao mesmo tempo, sem a necessidade de *waifite-talite* ou celular.
Se Deus precisa disfarçar, de vez em quando, que é o verdadeiro técnico do Brasil, seus delegados na Terra nem sempre têm esse cuidado. O ar de automastificação do Zagallo que tanto irrita seus colegas, o resto da população, é na verdade uma falha no disfarce. Está na cara do Zagallo que ele se reúne periodicamente com Deus para tratar da estratégia da seleção e que nós podemos estrilar à vontade, porque ele só deve satisfações ao seu Chefe.

Agora: dizem que a perspectiva de enfrentar o Uruguai deixa até Deus preocupado. "Essa nem Eu controlo", costuma dizer o Todo-Poderoso, encurvado sobre os seus esquemas.
Luís Fernando Veríssimo. *A eterna promessa de conquistar absoluta: as melhores crônicas de futebol, cinema e literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 20-21.

O quarto texto em análise (figura 4) faz parte do grupo dos gêneros entrevistas. O material foi transcrito do programa televisivo *Papo de Boleiro*, da Rede Bandeirantes:

Figura 4: Gênero entrevista

→ **Texto**
Parte 1
F: Fernando Fernandes: Ser escolhido o melhor do mundo uma vez não é fácil... dizem, três, quatro, cinco... onde vai parar isso, hein, Marta? Tudo bem?
M: Tudo bem? Ah, temera que... só pare quando eu parar também de jogar, né? Sei que é difícil a gente se manter nesse nível aí, e... mas a gente tem o pensamento de trabalhar forte, cada ano que passa, querendo buscar outros objetivos e... e da continuidade aí... a tudo isso.
Parte 2
F: E: Pô, uma mulher não se pergunta a idade... não é elegante... mas você pensa já em parar um dia? Já pensa não para na cabeça?
M: Já, já, lógico.
F: E: Tem data?
M: Não tem data... Eu já falei pra mim mesma que eu quero jogar até quando eu sentir que eu tenho condições de jogar... então... a data não existe, mas a gente sabe que... a carreira de jogadora de futebol é curta tanto pra... pra o homem quanto pra mulher.
Parte 3
F: E: Pô, é... uma crônica na vida adulta... cham aí de futebol... no homem, não temê tanto... quer ser pai, a vida do cara não muda em nada... mas é difícil uma mulher que não imagine ser mãe, né, cara? Isso deve atrapalhar a tua carreira dentro de campo... e já imagina ser mãe na vida? Cê pensa em ser mãe uma dia?
M: Eu já pensei, né... eu adoro criança... gosto muito e... já pensei... mas é uma coisa que a gente tem que programar bem... não é só ter um filho, né?... Você tem que ter uma estrutura também pra... pra cuidar... manter.
F: E: Quantas? (risos)
M: (risos) Ah, não sei... muitas não.
Parte 4
F: E: Pô, e... cê é de Alagoinhas, né, Marta?
M: Sim... sou de Alagoinhas.
F: E: Cê não é lá pra ganhar o mundo, né?
M: Pra ganhar a vida (risos)... pra... com o pensamento de voltar lá e... poder ajudar minha família.
F: E: Dois Riachos tua cidade, né, Alagoinhas?
M: É... Dois Riachos.
Parte 5
F: E: Como era esse tempo de criança lá, Marta? Dê! Dê!
M: Era difícil, né... assim... meu pai não de casa, eu tinha menos de um ano... minha mãe começou a trabalhar e daí então... a gente se via à noite... então, nesse período...
F: E: Quem cuidava de você?
M: Eu mesma... eu ficava muito na casa de minha avó também... ela que cuidava praticamente dos meus tios, né... todo mundo lá pra casa dela... e daí... a provelogia, depois... a jogar futebol com os meninos na rua e só encontrava com a minha mãe à noite a maioria das vezes.
F: E: Cê foi todo psicólogo, Marta... ou não?
M: Não, eu fui com 9 anos.
F: E: Por quê?
M: Porque a minha mãe não tinha condições de me educar.



F: E: Sua mãe... teve que trabalhar... ela fazia o quê?
M: Ela... ela trabalhava na prefeitura... ela era saladeira da prefeitura... pra cuidar de mim e mais três, eram os quatro.
[...]
Parte 6
F: E: Como é que surgiu essa história de bola na tua vida, Marta? Quando já cê...
M: Muito cedo, é... foi muito cedo... meus sete, oito anos eu já... jogava com os meninos, e... a brincadeira preferida... não sabia fazer outra coisa... não tinha interesse em jogar... em futebol de outra coisa e não sei jogar bola com os meninos.
F: E: Mas, mãe, o futebol é machista... interior... os cara são conservadores... como que... se viu na tua com o futebol e ninguém ligou nada?
M: O futebol?
F: E: O que é que tá ruim?
M: Ah, bastante comentários assim desagradáveis... e eu em so uma criança.
F: E: Tipo o que, Marta, que falaram? Preconceito, né?
M: Preconceito... que "jogar de mulher e a criança"... que "não existe uma garota dessa idade no meio de um monte de meninos a jogar de bola"... que "é mãe"... que "se menino não podiam entrar".
F: E: Tia mãe sofria com isso?
M: Minha mãe... ela ficava triste com os comentários, sem dúvida... mas eu não tinha o controle da coisa porque ela... não trabalhava e da internet... então eu... eu ficava sozinha na verdade.
F: E: Com oito, nove anos, a maternidade tá geralmente com honora... brincando de casinha... os bonecos de boneca, ou tinha boneca?
M: Não.
F: E: Teu negócio é a bola...
M: Meu negócio era muito radical mesmo... era jogar bola... e... brincar de rio que tem lá aí longe, que eu tinha feiras vazia, né? Tipo assim, e a gente ia brincar na avó lá... tinha sempre, coisa radica... tinha... tinha e pensava que amarrava os parafusos do lado lá... da boca do rio lá... e a gente pegava aquele amarelinho e fazia tipo creme um rodão.
[...]
Parte 7
F: E: Quando os cara começaram a matar que era boa de bola?
M: Ah... acho que eles já perceberam desde o começo... eles perceberam que eu conseguia me sobressair no meu nível, né... e tinha aquele cinema, também estava, é... somente de futebol de salão... e eu jogava com o time no masculino e alguns dos meninos ficavam falando "não é uma falta de respeito, o pessoal das outras cidades vai achar que não tem homem suficiente em Dois Riachos, tá botando uma mulher" (risos).
[...]
F: E: Quando é que cê ganhou a primeira chateira? Cê lembra dela?
M: Lembro... eu ganhei chateira com a mãe lá de Dois Riachos... hoje ela... já e falecida, já faleceu... e ele me deu a chateira... ficou dois dias maior que o meu pé... aí depois ele falou assim "se quiser, eu levo pra trocar e tá, se troque outra"... eu fiquei com medo dele levar e depois nem trocar mais... eu falei "não, não tá o meu, tá melhor"... e eu joguei com a chateira maior, mais que meu pé se acabar.
[...]



(SEQUETTO, BARROS; MARIZ, 2012)

O quinto gênero escolhido (figura 5) é uma narração transcrita de Galvão Bueno na final da Copa do Mundo de 2002, transmitida pela Rede Globo. Em relação ao sexto e último gênero (figura 6) é uma notícia bastante interessante, cujo tema foi "Tartaruga marinha



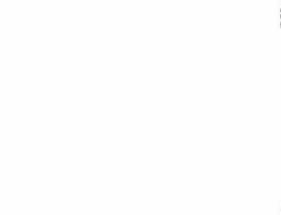
ingere lixo e morre após ser resgatada pela polícia ambiental”, publicada em um jornal do Rio Grande do Norte.

Figura 5: Gênero narração

Parte 2: A Alemanha vai jogar com Kahn, Ramelow, Frings, Linke, Metzelder e Jeremies, o Hamann, o Bode e o Schneider, na frente o Neuville e o Klose. Ai cruzamento, vem bola pra aáarea! Tentativa brasileira, a bola passou, Gilberto Silva tentava, ela foi pela linha de fundo, outra vez é tiro de meta pra Alemanha. O time brasileiro, você sabe, não tem problema nenhum, joga com Marcos, com Lúcio, Edmilson e o Roque Jr., o Cafu, o Gilberto Silva, o Kleberson, o Ronaldinho Gaúcho, o Roberto Carlos, Ronaldinho e Rivaldo. O trio de arbitragem tem o Sr. Pierluigi Collina, como árbitro principal, Rivaldo escora de cabeça ali pelo meio, Ronaldinho vem pro primeiro laaanncce. Chegou lá em cima dele o Metzelder. Ai lateral pra seleção da Alemanha. E vamos juntos identificando os jogadores da Alemanha. Marco Bode. Sai jogando à frente, tocou de cabeça por lá o Klose. Ele tem cinco gols marcados na Copa do Mundo, mesmo número do Rivaldo, tem seis gols o Ronaldinho, que é o artilheiro da Copa até aqui. [...] Os brasileiros começaram além de jogar pra frente, tentando jogar bonito realmente! Tentando mostrar pros alemães, nós jogamos bola! Vocês jogam uma coisa parecida com futebol, nós jogamos futebol! Mas é um time terrível! Não é à toa que tem três títulos mundiais e já chega à sétima decisão de Copa do Mundo!



Bandeira do Brasil.



Bandeira da Alemanha.

(SEQUETTO, BARROS; MARIZ, 2012)

Partindo do pressuposto que o livro didático é um suporte, pois

entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2002, p. 10)

Dessa forma, o livro didático passa a ser suporte para inserir os gêneros discursivos, que, para Bakhtin (1997, p. 259), “são tipo relativamente estáveis de enunciados”. Assim, para se tornar gênero é necessário se constituir dos seguintes aspectos: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Para Bakhtin, o enunciado “não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes” (BAKHTIN, 1997, P. 294), o que, para o teórico, esse enunciado é constituído pela alternância de sujeitos falantes, ou alternância de locutores.

Partindo para o livro didático em análise, percebemos que essa relação está entre o autor (locutor), porque o LD, sendo um suporte, sua autoria está totalmente associada ao sujeito que o escreve e a editora que legitima sua autoridade. Ao passo que também podemos

Figura 6: Gênero notícia

Tartaruga marinha ingere lixo e morre após ser resgatada pela polícia ambiental /

Uma tartaruga marinha da espécie verde morreu na manhã de domingo (18) no Aquário Natal, localizado na Praia da Redinha, litoral norte do Estado. O animal chegou ao local durante a madrugada, levado por policiais ambientais de Mossoró. /

A tartaruga havia ingerido lixo e estava sem conseguir se alimentar há algum tempo. “Ela tinha mais de um metro de comprimento e deveria ter cerca de 150 kg, mas estava com apenas 50 kg”, afirmou o biólogo do Aquário Natal, Douglas Brandão. /

A tartaruga foi encontrada na noite de sábado, por policiais ambientais de Mossoró. Eles ainda tentaram devolvê-la ao mar, mas ela não flutuava e, então, entraram em contato com o Aquário para que o animal fosse socorrido. / “Depois que ela morreu, abrimos o estômago dela para saber o motivo de ela não estar se alimentando e encontramos um sacro plástico e tampinhas de garrafa”, afirmou o biólogo. /

Salvar tartarugas marinhas, por sinal, está cada vez mais difícil. Antes, de cada dez animais que eram levados ao Aquário buscando tratamento veterinário para poder voltar à natureza, sete conseguiam se recuperar. Atualmente, esse número caiu para cinco. / “O problema percebido neles ultimamente não são mais doenças como a fibropioma ou a pneumonia. Elas estão chegando ao Aquário em consequência da ingestão de lixo e, diante disso, não há muito o que fazer, a não ser esperar o animal expelir naturalmente”, explicou o biólogo. /

O Aquário Natal tem recebido, em média, um animal por dia – e já recebeu de tartarugas a filhotes de baleias, incluindo pinguins e aves de rapina, como carcarás e gaviões. Além disso, há também aqueles que são resultado da procriação em cativeiro, como os 16 filhotes de jiboia, que nasceram há cerca de três semanas. / “Foi a primeira vez que nasceram filhotes dessa espécie aqui. Quando crescerem, uma parte fica aqui no acervo do Aquário e a outra será entregue ao Ibama para ser devolvida à natureza”, contou o biólogo.

Ciro Marques, *Tribuna do Norte*, 19 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/tartarugamarinha-ingere-lixo-e-morre-apos-ser-resgatada-pela-policia-ambiental/146971>>. Acesso em: 12 jan. 2015.



Douglas Brandão, biólogo, fala sobre a morte de tartarugas no litoral brasileiro.



inferir um conjunto regras preestabelecidas, as quais o autor precisa se adaptar, resultando, assim em seu apagamento. Quanto a isso, Foucault (2001, p. 263) apresenta que “o autor não é exatamente nem proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles”. Por isso a partir da escolha dos gêneros inseridos no LD, os interlocutores (alunos e o professor) devem perceber os aspectos ideológicos, sociais, históricos para a composição do seu livro didático.

Nessa perspectiva, chegamos a um ponto de discussão, pois percebemos que dos seis gêneros escolhidos, três deles - a crônica, a entrevista e a narração - se referem ao futebol, ou seja, a metade dos gêneros escolhidos nesta análise se trata do mundo esportivo. O artigo de opinião, cartaz e a notícia têm como tema o meio ambiente. Logo, percebemos que o LD passa a ser um aparelho ideológico do que pode ou não ser dito dentro da escola. “As razões ideológicas estão associadas à questão da configuração do conhecimento a partir da seleção do conteúdo a ser vinculado na escola. Diz respeito ao que ‘pode’ e ‘deve’ ser dito-escrito-veiculado” (CORACINI, 2011b, p. 29). Neste caso, há uma valorização dos gêneros no LD analisado para o esporte (futebol) e para o meio ambiente. Aqui, percebe-se que o LD trabalha com eixos temáticos.

No livro didático, tanto o mundo esportivo quanto o meio ambiente, passam a ser domínios discursivos. Conforme Marcuschi (2002, p. 23) são utilizados “para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos, nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos”. Assim, no LD os domínios ditos acima, ao serem inseridos dentro dos gêneros, carregam junto com eles o discurso esportivo e de sustentabilidade.

É necessário compreender a diferença entre texto e discurso, pois no Livro Didático analisado todos os textos inseridos dentro dos gêneros são retirados da internet, assim compreende-se por texto “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2002, p. 24). Quando o LD traz todos os textos retirados da web, subentende-se que haja uma aproximação para a realidade do aluno, pois neles existe uma linguagem mais simplificada e de fácil compreensão, para assim inserir-se na realidade dos alunos.

Entretanto, a partir do momento que se valoriza apenas um determinado domínio discursivo, há uma maior dificuldade no que concerne à aprendizagem do aluno, pois há uma tendência para que ele volte várias vezes a estudar o mesmo conteúdo, não tendo uma



abertura para conhecer outros domínios. Além do mais, é necessário chamar a atenção para a internet, pois deve compreender quais discursos estão sendo ditos também nesse meio.

Dessa forma, o Livro Didático acaba reverberando um único discurso, que “é aquilo que o texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva” (MARCUSCHI, 2002, p. 24). Sendo assim, os alunos manifestam um único discurso para os gêneros informativos, sem conhecerem que existem outras possibilidades de discursos dentro do mundo da informação, e sem perceber que dentro do seu cotidiano existem inúmeros discursos, sejam ideológicos, políticos, sociais, entre outros. Por isso, o cenário identificado do Livro Didático requer uma intensificação em outros domínios discursivos para que a prática da leitura de conhecimentos gerais seja ainda mais avivada, tomando, indubitavelmente, como ponto de partida a realidade do aluno para, a partir dela, ser explorada até alcançar novos significados, de modo que o produto final seja uma maior significação ou ressignificação da leitura do próprio texto e da leitura do mundo.

Ainda assim, a depender da utilização que o professor faça do livro didático, este pode ajudar na formação discursiva dos alunos. Por isso, é que o professor não pode utilizar o LD como um mero repetidor, mas sim, de forma consciente e crítica, para os alunos desenvolverem a competência analítica-interpretativa.

Dessa forma, ao criarem formações discursivas, essas entendidas

como um elemento constituído por um conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam a posições de classe e é suscetível de intervir no confronto entre diferentes forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social (PECHEUX, 1969, p.166).

A formação discursiva que o aluno pode adquirir é por meio dos gêneros distribuídos no livro didático, esses pertencentes a uma conjuntura ideológica e que podem ser identificados por meio de inúmeras vozes dialógicas presentes nele para “pois é necessário compreender o contexto externo que abarca razões filosóficas, sociais, psicológicas e econômicas em que seus interlocutores estão inseridos” (PINHEIRO, 2015, p. 115). Essas vozes podem ser percebidas por meio dos domínios discursivos



Tabela 1: Domínios discursivos

DOMÍNIO MEIO AMBIENTE	DOMÍNIO ESPORTIVO
<ul style="list-style-type: none"> - Impacto ambiental - poluição - desmatamento - interferências entre meio ambiente e capitalismo 	<ul style="list-style-type: none"> - problemas em relação ao futebol - papel da mulher no futebol - relações entre capitalismo e futebol - inserção de jovens muito cedo ao futebol

(PINHEIRO;SILVA, 2018)

Assim, os alunos podem receber e compreender o que o gênero está se relacionado, e constituir uma resposta ativa, como afirma Bakhtin “de fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente)” (BAKHTIN, 1997, p. 290). Assim, “considera-se que é na formação discursiva que o sujeito se constitui como tal” (BARROS, 2007, p. 191).

E essa formação discursiva deve ajudar os alunos em sala de aula a manter um diálogo incessante, entre si e com o autor, para que:

a construção interacional dos alunos com a linguagem é necessária, para que, haja a interação dos alunos com o texto, cujo sentido é o que ‘não está lá’, no qual somente será alcançado à medida que forem verificando os elementos, para a construção do pensamento a partir dos ‘sinalizadores’ textuais oferecidos pelo autor. (PINHEIRO, 2015, p. 119)

No que tange a compreensão responsiva ativa, percebemos que por mais que existam alguns problemas na estrutura que o LD traz, o gênero textual faz com que o aluno tenha uma compreensão responsiva, ajudando-o no processo ensino-aprendizagem que o educando tem, pois só ele é capaz de concordar e discordar e, ao mesmo tempo, elaborar o seu próprio discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração as análises feitas, podemos perceber o quanto o Livro Didático pode influenciar na aprendizagem ou não dos alunos, ou seja, a partir da forma como o professor escolhe trabalhar esse material didático, pode-se haver um influencia direta no resultado de aquisição do conhecimento. A abordagem feita com o subsídio pedagógico



permite uma compreensão e um diálogo com o aluno, além de servir como base para possíveis debates e discussões em sala. Se o professor souber utilizá-lo como um suporte para o ensino dos assuntos a serem lecionados, e não como único material detentor da verdade, isso irá possibilitar um rendimento na compreensão dos gêneros abordados e suas temáticas.

Por trazer inclusos nos gêneros textos de fácil acesso aos alunos, como os retirados da internet sobre meio ambiente e principalmente futebol, o LD permite que haja um diálogo maior e com propriedade por parte dos alunos, visto que eles têm um domínio prévio dos assuntos abordados, contribuindo para que eles façam parte da construção de sentido do texto e possam demonstrar sua atitude responsiva ativa, ajudando assim em seu processo de ensino aprendizagem.

Diante de tais resultados, podemos perceber a importância do Livro Didático para o ensino de gêneros textuais. Contudo, é necessário cuidado com o manuseio de tal objeto, pois como já foi abordado existem riscos ao utilizá-lo de maneira errônea, favorecendo com que o resultado proposto por seus criadores para esse material seja o oposto do esperado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. Tradução de Maria Ermantita Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Maria Emília de Rodat de A. **As marcas de polifonia na produção escrita de estudantes universitários**. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007, 213f.

CORACINI, Maria José (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes editora, 2011a.

CORACINI, Maria José R. Farias. **O processo de legitimação do livro didático: na escola de ensino fundamental e médio: uma questão de ética**. (p. 33-43) (falta o ano, editora, local, onde foi publicado). IN: CORACINI, Maria José (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes editora, 2011b.

FOUCAULT, Michel. Quem é o autor? In: In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética –literatura e pintura, música e cinema (vol. III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (p. 264-298).



MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

GRIGOLETTO, Marisa. **Leitura e funcionamento discursivo do Livro Didático**. In: CORACINI, Maria José (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes editora, 2011. (p. 67-10).

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques. Dialogismo: uma prática para sala de aula. In: SOUZA, Álvaro César Pereira de; JESUS, Ariosvaldo Leal de. **Língua, Literatura e Ensino: Anais da XII Semana de Letras da FSLF**, Aracaju: Curso de Letras Português e respectivas literaturas, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

SEQUETTO, Camila; BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana. **Universos – Português – 6º ano**. 2. ed. São Paulo: edições sm, 2012.

SOUZA, Deusa Maria de Souza. **Autoridade, autoria e livro didático**. Revista Contexturas 3 – ensino de língua inglesa. São Paulo: Apliesp, 1996. (p. 27-31)